Paz e Bem

No começo era a Grande Mãe

(Neide Miele e Mauro Lopes)

Atendendo diversas solicitações dos participantes do canal PAZ E BEM, criado pelo jornalista MAURO LOPES, assim como dos visitantes do site E A GRANDE MÃE VIROU DEUS PAI, criado pela professora NEIDE MIELE, estamos disponibilizando a todas/todos/todis este material, especialmente produzido para cada um dos 13 programas da série AS MULHERES E O SAGRADO NO PAZ E BEM {playlist no final do blog E a Grande Mãe virou Deus Pai}.

Paz e Bem: https://www.youtube.com/channel/UCMX3CvtWQUOKrNwfgx3gcAQ
E a Grande Mãe virou Deus Pai: https://www.eagrandemaeviroudeuspai.com/

Cada programa resultará em um material específico, apresentado em PDF, que poderá ser “baixado” no computador e eventualmente impresso, formando uma coletânea.

AVISO IMPORTANTE

Este material foi produzido para fins didáticos, ilustrado com imagens de domínio público, oferecido gratuitamente ao público, portanto, não tem fins lucrativos ou retribuição pecuniária de qualquer espécie. Ele pode ser encontrado gratuitamente nos endereços acima.

Faça bom uso, compartilhe informação de qualidade e ajude a construir um mundo melhor.

Sempre se afirmou que a religião nasceu do temor que o homem primitivo sentia pelos elementos da natureza. Para Antoine Fabre d'Olivet (História filosófica do gênero humano – Ed. Icone) o medo diante da natureza não pode ser a explicação.
O medo não liga o fato à ideia nem o visível ao invisível. O medo não é criativo. O medo provoca duas reações: fugir ou lutar.

PARA FUGIR OU LUTAR É PRECISO ADRENALINA, MUITA ADRENALINA!

Quando lançada na corrente sanguínea, devido a qualquer ameaça à integridade física do corpo a adrenalina aumenta os batimentos cardíacos, o volume de sangue por batimento cardíaco, eleva o nível de açúcar no sangue, minimiza o fluxo sanguíneo nos vasos e no intestino enquanto o maximiza para músculos voluntários das pernas e dos braços. Isto faz com que o corpo esteja preparado para uma reação, como reagir agressivamente ou fugir. Porém, adrenalina não é compatível com filosofar.

Ter medo dos raios numa tempestade não faz com que o ser humano filosofe sobre a transcendência da eletricidade ou sobre as "águas primordiais".

Fabre D'Olivet propõe que: A religião surge com a linguagem articulada e a organização social.

Muitos antropólogos se debruçaram sobre a questão do que separa o reino animal do reino hominal. Para alguns foi o sepultamento, afinal, os animais não enterram os seus. Para outros foi cozinhar o alimento, afinal, os animais comem cru.

Certa vez perguntaram para a antropóloga Margareth Meed: O que pode ser considerado o primeiro sinal de civilização? E ela respondeu: Um fêmur quebrado e curado!

Para Margareth Meed, o divisor civilizatório não foi o sepultamento, ou cozinhar o alimento, mas foi o cuidado. Tradicionalmente, o cuidado se tornou uma tarefa feminina, ao menos é o que vemos quando estudamos a divisão social do trabalho no paleolítico.

A caçada ficou para os homens – O cuidado para as mulheres

Observem que na imagem, a mulher jovem cuida dos filhos, a velha cuida do fogo e do homem adulto, ferido ou doente. Cuidar é tarefa feminina e, mesmo depois de morto, o corpo continuava sendo cuidado por elas.

Há 80 mil anos as tribos eram nômades e os mortos eram simplesmente deixados para trás. Seus corpos ficavam à mercê dos carniceiros. Evidências arqueológicas indicam que os humanos passaram a enterrar seus mortos há aproximadamente 50.000 anos. Desde então, elaborados ritos de sepultamento foram adotados pelos seres humanos, indicando a existência de ideias sobre a transcendência e crenças sobre a vida após a morte.

Muito provavelmente, as pinturas nas cavernas são fruto de mãos femininas. Afinal, a adrenalina da caçada não combina com a sensibilidade necessária para imprimir ideias transcendentes. Não que os homens não pudessem ser sensíveis e intuitivos para produzir traços tão delicados, contudo, delicadeza, intuição e sensibilidade são características marcadamente femininas, embora não exclusivas das mulheres.

Se o homem era tão sensível, por que isso não repercutiu nos demais comportamentos dele?
Quando acionamos os motores de busca por imagens de como as pinturas rupestres foram feitas, só aparecem imagens de homens pintando, quase nunca a de mulheres. No máximo elas aparecem ajudando-o, segurando uma lamparina ou algo assim para iluminar o ambiente. Será que a intuição feminina servia apenas para "ajudar o homem a pintar"? Parece que não. O homem era o modelo!

https://infourok.ru/prezentaciya-uroka-po-teme-antrorogenez-455833.html

Desenho de Arturo Asencio - https://www.arturoasensio.es/blog/

Descobriu-se que o comprimento do dedo anelar está altamente correlacionado com a exposição à testosterona no útero e, portanto, a maioria dos homens tem um dedo anelar longo em relação a outros dedos, ou seja, em comparação com o comprimento do dedo indicador. As mulheres, no entanto, tendem a ter os dedos anelar e indicador de comprimento aproximadamente igual. Estudos descobriram que essas proporções são indicadores estatisticamente confiáveis de sexo. Aplicando esses estudos a impressões de mãos em 8 locais de cavernas paleolíticas, Snow descobriu que a maioria das impressões de mãos eram quase certamente feitas por mulheres. Ele também foi capaz de distinguir, através da morfologia da mão, que as marcas de mão menores não eram de fato produzidas por meninos adolescentes e sim por mulheres. Este estudo foi conduzido por Dean Snow, publicado na Revista American Antiquity em 2013.

{https://paleolithicpersonhood.wordpress.com/2014/03/26/paleolithic-european-cave-artists-exploring-identities-and-dispelling-myths/}

Cueva de las Manos, Argentina

As pinturas rupestres apresentam três temas recorrentes: caçadas, danças e rituais xamânicos. Geralmente, as cavernas mais famosas, sobretudo na Europa, não eram habitadas e tudo indica que eram reservadas para rituais xamânicos ou de iniciação. Elas faziam parte do sagrado, assim como as caçadas ou as danças que representavam. Portanto, no paleolítico, pintar foi um exercício de meditação realizado por quem possuísse sensibilidade e intuição elevadas, geralmente mulheres, ou homens com uma dose proeminente de características femininas. As pinturas rupestres surgiram há milênios. As mais famosas foram encontradas na Europa: Lascaux e Chauvet na França, Altamira na Espanha… mas existem inúmeras outras, inclusive aqui no Brasil, no Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí. http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/42

Desenho de Arturo Asencio - https://www.arturoasensio.es/blog/

Ao cuidar das crianças, dos doentes, dos velhos e dos mortos, as mulheres pintaram as cavernas. Os mortos foram seus antepassados, os mesmos que elas cuidaram em vida e que agora lhes aparecia em sonhos ou visões, dando orientações de como seguir a vida. Assim surgiram as crenças e o culto aos antepassados.

Outra expressão da espiritualidade no passado foram as pequenas estatuetas da GRANDE MÃE. Elas eram pequenas, sendo que a maior mede 13 centímetros. Todas cabiam na palma da mão. Elas foram encontradas em sua maioria na Europa.

No período paleolítico, compreendido entre 2,7 milhões de anos até 10.000 anos atrás, são raros os artefatos que representam seres humanos. Os que foram encontrados retratam um corpo de mulher, normalmente com formas avantajadas, supostamente utilizados em rituais de fertilidade ou como objetos pessoais de proteção. Elas foram chamadas de “vênus” dentro do mundo acadêmico. Ninguém ousou chamá-las de deusas, visto que não foram encontrados outros artefatos que indicassem a existência de um culto ou de uma religião. É bom frisar que nem mesmo milênios depois, entre os egípcios, sequer existia a palavra “religião”, pois a vida se organizava em torno dos templos. Em termos históricos, a palavra “religião” é bem recente.

Todas essas imagens do passado representavam a GRANDE MÃE, em boa medida relacionada com a MÃE NATUREZA. Assim como as árvores frondosas se impunham pelo tamanho e beleza, elas também ofereciam flores e frutos para alimentar os passantes, fossem seres humanos ou animais, além disso, serviam de abrigo e proteção. Assim como as árvores, as mulheres cuidavam.

Foto da Professora Elisa Cabral, colega do Departamento de Ciências Sociais da UFPB